

Haroldo Reimer
Ivoni Richter Reimer

Espiritualidade ecológica na Bíblia

Resumo

O artigo busca evidenciar dimensões da espiritualidade ecológica na Bíblia. Para isso, destaca inicialmente que deve haver uma sensibilidade por parte do leitor e da leitora para entrar em sintonia com o sentido ecológico ou de espiritualidade ecológica fixados nos textos bíblicos. A seguir, o artigo destaca alguns elementos de espiritualidade ecológica em passagens seletas de tradições bíblicas.

Palavras-chave: Bíblia, ecologia humana, espiritualidade, cuidado.

Resumen

El artículo busca evidenciar dimensiones de la espiritualidad ecológica en la Biblia. Para ello se destaca inicialmente que debe haber una sensibilidad por parte del lector y de la lectora para entrar en sintonía con el sentido ecológico o de espiritualidad ecológica, fijados en los textos bíblicos por parte de sus autores. El seguimiento del artículo destaca algunos elementos de espiritualidad ecológica en pasajes selectos de las tradiciones bíblicas.

Palabras-clave: Biblia, ecología humana, espiritualidad, cuidado.

Abstract¹

The present paper seeks to highlight dimensions of ecological spirituality in the Bible. To achieve this, we need first to emphasize that there must be a sensitivity of the reader to get in tune with the ecological sense or the meaning of ecological spirituality set in biblical texts by their authors. Next, the article highlights some elements of ecological spirituality in select passages of biblical traditions.

Key words: Bible, human ecology, spirituality, care.

Falar sobre espiritualidade ecológica na Bíblia implica dois movimentos e duas posturas significativas que envolvem, por um lado, os autores ou os emissores dos textos bíblicos e, por outro lado, os leitores e leitoras. Entre esses dois pontos deve haver um caminho de aproximação, de convergência ou, pelo menos, uma sintonia, a mais

¹ Agradecemos a Claude Detienne a gentileza da tradução do resumo para o inglês.

afinada possível, com o objetivo de aferir a mensagem ou o sentido ecológico dos referidos textos. A sintonia também pode acontecer em termos de diálogo crítico com os textos e suas propostas.

A consciência ecológica do leitor e da leitora

Deve haver uma consciência ecológica em construção por parte dos leitores e das leitoras da Bíblia. Isso significa fundamentalmente que à medida que lê, escuta ou estuda os textos da Bíblia, a pessoa precisa se sensibilizar com os desafios urgentes das crises ecológicas atuais pelas quais passa o planeta Terra, a grande casa global de todos os viventes.

Essa consciência ecológica pode se apresentar em diversos graus de intensidade. Pode ser que a pessoa esteja sensibilizada apenas com questões ambientais relativas ao seu lugar de moradia, de trabalho e de vida, por exemplo, a poluição das águas dos rios locais, a contaminação do ar na cidade, a insalubridade em sua casa, o desmatamento acelerado na região em que vive. Contudo, até por conta das muitas informações transmitidas pelos grandes meios de comunicação e em consequências das muitas conferências nacionais e internacionais acerca do meio ambiente, geralmente as pessoas também se mostram sensibilizadas com as grandes catástrofes ambientais que ocorrem quase diariamente em diferentes lugares do planeta, como terremotos, tsunamis e contaminações de usinas nucleares. Há sintonia também com as eventuais causas dos desajustes ambientais. No caso das catástrofes há, em geral, questões de ordem natural, isto é, a natureza se manifesta, em sua dinâmica própria, com fenômenos relacionados ao ecossistema Terra. Mas também há questões de ordem antrópica, isto é, dimensões relativas à intervenção humana no ambiente global. Aqui já podemos falar de uma consciência ecológica planetária ou cósmica. Esse tipo de percepção se impõe mais a cada dia. Gradativamente vai-se reconhecendo que o planeta e o cosmos que habitamos constituem uma grande teia da vida, um grande organismo vivo do qual os seres humanos fazemos parte. As interações entre os diversos ecossistemas desta grande casa se fazem sentir, em proporções distintas, em cada parte do mundo. Ter consciência ecológica planetária é ir se dando conta de que, apesar da nossa inserção no lugar em que vivemos, moramos e trabalhamos, as relações entre as diversas comunidades humanas assumem necessariamente proporções globais.

Atualmente essa sensibilidade, ou espiritualidade ecológica, já não se mostra mais de modo ingênuo, ou seja, não se busca mais por um

lugar idílico de natureza intacta. Sabe-se hoje que a pegada humana sobre o planeta Terra se faz sentir em qualquer parte do mundo. Praticamente não há mais nenhum espaço no qual os seres humanos não estejam presentes, com suas diversas formas de produção e intervenção no ambiente. O que se deve buscar, com ações e práticas individuais e coletivas, é diminuir, refrear e modificar o peso da pegada humana sobre o planeta, considerando as consequências ambientais de decisões tomadas hoje para, no mínimo, as oito próximas gerações. Há algumas décadas já nos vamos acostumando a incluir as gerações futuras no conjunto das reflexões. A comunidade humana em seu conjunto desenvolveu um potencial destrutivo assombroso, o qual muitas vezes ainda não é avaliado perfeitamente em sua dimensão cumulativa. A tecnocracia moderna, aliada ao modo de exploração e produção capitalista, gerou um aparato tecnológico que tem possibilitado muitas coisas boas para as pessoas (por exemplo, na área da saúde), mas que também está revestido de perigos não vislumbrados no momento de sua implantação. Por isso, por uma questão até de sabedoria, em termos éticos, deveria prevalecer o prognóstico ruim sobre o prognóstico bom, num exercício de princípio de precaução quanto aos resultados e à cumulação não conhecidos, tendo em vista sempre a qualidade de vida e o bem-estar de toda a comunidade da Criação. A questão da sustentabilidade deve incluir o conjunto do sistema em suas várias ramificações.

Na comunidade da Criação, as pessoas empobrecidas merecem cuidado e destaque especial. É verdade que o progresso tecnológico e científico trouxe muitos avanços e vantagens para muitas pessoas, mas enormes contingentes humanos permanecem à margem desse desenvolvimento. Por isso, a espiritualidade ecológica do leitor e da leitora da Bíblia deve incluir a dimensão da justiça no acesso e na distribuição dos bens produzidos. Em geral, nas catástrofes ou especialmente nos planos de desenvolvimento econômico, as pessoas pobres sofrem mais direta e intensivamente as consequências. Além disso, é preciso aprender a relacionar a questão ecológica às múltiplas relações possíveis e existentes entre os seres; perguntar, por exemplo, pela relação entre a lide e o corpo da terra e das pessoas, passando pela sintonia crítica questionadora dessa relação em forma de ocupação, exploração, violência, ternura, cuidado etc. Há ainda de haver um cuidado especial com os segmentos empobrecidos da sociedade nas políticas públicas, como bem indicam muitos textos bíblicos. Esse cuidado especial, contudo, não deve se reverter em uma posição idealizadora dos pobres, pois no

conjunto do sistema global também estes marcam a sua interferência no ambiente, embora com um peso menor em sua pegada ecológica, como mostram pesquisas sobre os índices de consumo *per capita* nos países ricos e nos países pobres.

Na sensibilidade, ou espiritualidade ecológica, dos leitores e das leitoras da Bíblia, é bom haver uma sintonia com as expressões de sabedoria e conhecimento existentes em meio às chamadas comunidades tradicionais. Fora, à margem e além do paradigma desenvolvimentista capitalista há experiências de convívio com o entorno ambiental que merecem e devem ser ouvidas e aproveitadas, até porque permitem vislumbrar possibilidades de superação de crises e impasses de desenvolvimento rumo à sustentabilidade e à preservação do ambiente em suas bases ecossistêmicas.

Espiritualidade ecológica na perspectiva de autores e autoras de textos da Bíblia

A questão de saber ou reconhecer a intenção dos autores e autoras de textos bíblicos é objeto de muitas controvérsias. Há quem diga que é impossível reconstruir a intenção dos autores; outros perseveram fielmente na perspectiva de que podem, sim, reconstruir o sentido original ou a intenção dos textos; outros, ainda, dizem que só se pode trabalhar com o texto e suas múltiplas leituras e projeções de sentido geradas no leitor ou na leitora, sem levar (muito) em conta a intenção do autor.

Não queremos discutir essa questão aqui. Queremos tão somente indicar que isso é um tema controverso, aberto a muitos meandros na discussão teórica. Contudo, talvez tomando um caminho intermediário, se deva dizer e reconhecer que, apesar de não se ter clareza sobre a identidade dos autores de textos bíblicos, há indícios nos textos, bem como informações acerca do contexto que nos permitem tirar conclusões sobre o autor ou a autora. Isso, por exemplo, é mais claramente perceptível nos textos sapienciais. Esses textos da Bíblia não pretendem em momento algum o estatuto de revelação. Textos sapienciais são o resultado de um duro esforço de observação e reflexão de fenômenos da natureza e da vida humana. O caminho intermediário reconhece que autores se projetam para dentro dos textos; que se pode reconhecer o estilo e com isso também a intenção comunicativa no momento originário dos textos.

Uma das intenções dos autores dos textos da Bíblia é comunicar a existência e a ação de Deus na natureza e na história humana com base em suas experiências de fé específicas. Esse é, por assim dizer, o objetivo comunicativo maior dos textos sagrados como os da Bíblia. Com isso está a dimensão de que os autores dos textos operam com o pressuposto de um Deus criador, ainda que isso seja uma projeção mítica. Pressupor um criador do cosmos, do mundo ou do universo, nas proporções da cosmovisão dos povos do antigo Oriente próximo e do mundo mediterrâneo, é operar com a concepção de um mundo encantado e perpassado por um poder ou uma energia que, na linguagem bíblica, estão inseridos no próprio conceito de Deus ou na sua manifestação em forma de espírito, isto é, na forma da *Ruah*. Isso é uma forma de as pessoas dos tempos bíblicos se entenderem como ser no mundo.

Não vemos problema em dizer que textos como os da Bíblia pressupõem ou expressam uma cosmovisão antiga. Afinal, os textos da Bíblia são pré-modernos. Eles não respiram o espírito emancipado da concepção iluminista moderna. Os textos da Bíblia se coadunam, antes, com outros textos similares de outras culturas, nas quais também se pressupõe uma fonte criadora do cosmos existente. Neste sentido, há abertura para um diálogo sem a premissa de ordenação hierárquica dos discursos. A bem da verdade, o diálogo intercultural não deve ser estruturado em termos hierárquicos, mas deve haver abertura para o diferente justamente em sua diferença. Disso resulta a possibilidade de enriquecimento e frutificação recíproca de perspectivas e saberes. O novo surge quando os interlocutores podem dizer a sua palavra, e as suas palavras se projetam para dentro de uma nova ou outra perspectiva.

A seguir queremos destacar alguns elementos de tradições bíblicas que podem e devem ser observados diante da questão da espiritualidade ecológica da Bíblia.

Criação e espiritualidade ecológica

A Bíblia se abre com uma confissão de fé que perpassa todos os textos seguintes. Essa confissão é a afirmação de que no início do tempo e do espaço de vida há a atuação de Deus. Na Bíblia, esse Deus é reconhecido e afirmado primeiramente na forma de um credo monoteísta, sendo depois, no cristianismo, ampliado para um credo trinitário.

O que se expressa por meio da frase “no princípio criou Deus os céus e a terra”, em Gênesis 1,1, refere-se, em termos sistemáticos, à *creatio prima*, a Criação primeira de Deus, acontecida nas origens.

Num tempo que não pode ser nominado em termos cronológicos mais exatos, mas deve ser entendido como momento mítico originário e indeterminado, a Criação é um espaço conquistado em meio ao caos existente das “águas do abismo”. Esse espaço é chamado de *terra* (Gn 1,2). Essa terra é adjetivada por meio da expressão hebraica *tohu wabohu* para designar o estado de coisas antes da ação criadora de Deus. “Vazia e sem forma” é a tradução que a Bíblia de Almeida atribui a essa expressão, o que se apresenta de forma similar em outras traduções, dando com isso vazão à noção de uma “Criação a partir do nada”, o que, contudo, não corresponde ao sentido do texto hebraico. Traduzir por “desolação e vazio”, provavelmente, corresponde melhor ao original hebraico, pois em analogia a Jeremias 4,22 trata-se de um espaço devastado, caótico, sem a ordenação que possibilita a vida. O ato de criar reorganiza o caos pré-existente. Nesse sentido, as águas caóticas são elemento pré-existente, o que inviabiliza em si a noção de Criação a partir do nada.² A Criação como ação de conquista em meio às águas caóticas é tema recorrente na literatura antiga, especialmente do mundo mesopotâmico.

A ação criadora de Deus nessa *creatio prima* é vinculada ao termo *ruah elohim* (Gn 1,2), uma expressão que usualmente é traduzida por “Espírito de Deus”, “espírito de Deus”, associando-se assim a ação criadora à direta atividade divina. Essa tradução, contudo, é muito discutida, propondo-se nas diversas traduções da Bíblia expressões bem diferentes como “vento tempestuoso”, “vento forte” etc.³

Segundo o testemunho de fé bíblico, o espaço ordenado e criado em meio ao ambiente caótico é o lugar em que é colocado o ser humano, o *adam*. O termo *adam* designa o ser humano originário, em sua aceção de protótipo mítico. Na linguagem bíblica há maneiras distintas de falar da Criação do ser humano. Em Gênesis 1,27 se afirma que o *adam* é “criado” como “imagem e semelhança” do Criador. A diferenciação em masculino e feminino confere a ambos, homem e mulher, igual e simultânea dignidade. Em Gênesis 2,7 é dito que o *adam* é “formado” a partir da *adamah*, termo que pode ser traduzido por “terra cultivável”, em vez de “argila”, como propõem algumas traduções. Essa relação evidencia, em sentido bíblico, uma íntima conexão entre os seres humanos e a terra. O humano emerge a partir do corpo da própria terra.

² V. Ronald A. Simkins. *Criador e Criação: a natureza na mundividência do antigo Israel*. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2004.

³ Cf. Osvaldo Luiz Ribeiro. Vento tempestuoso: um ensaio sobre a tradução e a interpretação de Gn 1, 2 à luz de Jr 4. *Fragmentos de cultura*, Goiânia, v. 12, n. 4, p. 573-598, 2002.

Na língua latina, essa relação quase umbilical pode ser expressa por meio do trocadilho *humanus-humus*: o humano foi formado a partir do húmus! O espírito vivificante transforma esse “ser terroso” em “garganta vivente” ou, como se afirma em algumas traduções, em “alma vivente”.

Nesse espaço de vida, o ser humano criado ou formado por Deus recebe atribuições específicas, embora distintas. Destaque merece a dignificação por meio do conceito de “imagem e semelhança” com o Criador (Gn 1,26-28), uma noção que ao longo do tempo contribuiu para a formatação do conceito moderno de “dignidade humana”. Segundo o texto bíblico, os seres humanos recebem atribuições ou mandatos que oscilam entre o domínio e o cuidado (Gn 1,28; 2,15), revelando-se aí tradições distintas na origem dos textos. O mandato de “sujeitar e dominar” (Gn 1,28) tem recebido mais recepção do que o binômio “cultivar e guardar” (Gn 2,15). Hoje, este último deve ser potencializado nas interpretações contemporâneas justamente em função dos desajustes ambientais, provavelmente em decorrência da forte intervenção humana no ambiente.⁴ No conjunto das atribuições conferidas ao *adam* consta também o mandato da proCriação por meio da expressão “crescei e multiplicai-vos” (Gn 1,28), que se justifica num tempo em que os homens tinham que dominar o ambiente para sobreviver, mas que deve ser relativizado atualmente, quando a comunidade humana mundial aparenta se tornar uma ameaça ao ambiente.

O credo criacionista perpassa toda a Bíblia. Especial ressonância dessa perspectiva de fé se encontra no Salmo 104, quando o autor enfatiza que o Espírito de Deus é a energia que vivifica e perpassa toda a Criação. O salmista dá expressão a seu louvor dizendo: “Que variedade, Senhor, nas tuas obras! Todas com sabedoria as fizeste [...] Envias o teu Espírito, eles são criados, e assim renovas a face da terra” (Sl 104.24,30). Deus e seu espírito vivificante (*ruah*) são entendidos como a base de manutenção da Criação.

A confissão de fé do povo de Israel, condensada num credo monoteísta típico daquela expressão religiosa, passa por releitura e ampliação de sentido no seio do movimento do cristianismo das origens, com influências em toda a história posterior. O Deus criador monoteísta dos hebreus, além de sua presença no mundo na forma da *ruah*, é reconhecido na vida, cruz e ressurreição de Jesus de Nazaré.

⁴ Sobre isso, ver Haroldo Reimer: *Bíblia e ecologia*. São Paulo: Reflexão, 2010, p. 20-45.

Na Carta aos Colossenses se lê: “Ele [Cristo] é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a Criação; pois nele foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis [...] Tudo foi criado por meio dele e para ele” (Cl 1,15-16). Com isso, o Deus criador é simultaneamente o redentor e o sustentador, três formas de ação do mesmo Deus.

A tradição da igreja dos primeiros séculos amalgamou essa diversidade na unidade em palavras do Credo Apostólico: “Creio em Deus Pai, todo poderoso, criador dos céus e da terra”. De modo especial ecoam as palavras de Martin Lutero em sua explicação do primeiro artigo do credo no Catecismo Menor: “Creio que Deus me criou junto com todas as criaturas, e me deu corpo e alma, olhos, ouvidos e todos os membros, inteligência e todos os sentidos, e ainda os conserva; além disso, me dá roupa, calçado, comida e bebida, casa e lar, família, terra, trabalho e todos os bens”. Essa interpretação de Lutero já indica para a *Criação continuada*.

Falar da Criação de Deus, portanto, nos remete a um ponto nevrálgico da teologia judaico-cristã. Entende-se e reconhece-se o mundo existente como obra criadora de Deus e crê-se nele. *Criação* remete à experiência da dádiva e da gratuidade divinas. Dizer *Criação* pressupõe a consciência da relação primordial entre Criador e criatura. A própria existência é vista como dádiva. E, sendo Cristo o primogênito da Criação, a própria Criação é substancialmente dignificada por meio da encarnação de Deus em Cristo. A Criação, o conjunto do mundo criado, portanto, é entendida como mistério e transparência para Deus.⁵ Especialmente por meio do Cristo encarnado, mas também pela ação do Espírito, Deus está presente na Criação à espera do reconhecimento de seus filhos e suas filhas, suas criaturas, como bem expressa o apóstolo Paulo na sua Carta aos Romanos, na qual escreveu: “Toda a Criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora” (Rm 8,22).

Em perspectiva cristã, dizer também que Cristo é o Alfa e o Ômega significa afirmar que toda a Criação e, portanto, toda a história (humana e natural) é vista em perspectiva teleológica, isto é, ela se encaminha para uma destinação última, que, em fé, é entendida como o tornar-se pleno do Reino de Deus, consumidor e redentor.⁶

⁵ Sinivaldo S. Tavares. *Teologia da Criação: outro olhar – novas relações*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 57-70 [A Criação como mistério].

⁶ Nesta concepção são muito impactantes as contribuições de Teilhard de Chardin. *Hino do universo; A missão sobre o mundo; Cristo na matéria; Três histórias no estilo de Benson; A potência espiritual da matéria*. São Paulo: Paulus, 1994.

Um dado a ressaltar é que, apesar da concepção da *creatio prima*, a Criação, enquanto espaço ordenado que possibilita a vida, necessita de constante cuidado. Quando se lê a Bíblia de modo sequencial ou sincrônico, essa dimensão aparece pela primeira vez na história do dilúvio em Gênesis 6-9. Segundo a cosmovisão dos antigos hebreus, em boa medida compartilhada com os povos do entorno cultural, especialmente da Mesopotâmia, a terra como espaço de vida e cultura está rodeada de águas. Essas águas, que no relato da Criação aparecem como pré-existentes, foram ordenadas, isto é, afastadas, fazendo surgir separação entre as águas de cima e as águas de baixo, dando origem, assim, à terra habitável. Deus como senhor e mantenedor da Criação pode reverter essa situação, abrindo as “fontes do abismo” e as “comportas dos céus” (Gn 8,2), originando o caos do dilúvio ou da antvida. Assim, a vida ordenada pela Criação pode submergir novamente nas águas do caos. O Salmo 104,5-9 mostra de modo muito plástico como o Deus criador deve constantemente preservar a ordem do mundo criado a fim de manter afastados os perigos do caos e das trevas. Em Provérbios 30,4 há uma pergunta retórica que afirma: “quem encerrou as águas no manto?”. Na linguagem sapiencial, a resposta almejada é que tal ação se deve ao cuidado constante do Deus criador.

De modo bastante elucidativo, essa noção de terra como espaço criado aparece também no livro de Jó, especialmente na parte final, na qual, sob a forma de uma teofania, Deus faz uma série de perguntas àquele Jó, que somente buscava a esperada e supostamente devida recompensa de Deus por sua fidelidade: “Quem encerrou o mar com portas [...] e lhe disse: ‘até aqui virás e não mais adiante, e aqui se quebrará o orgulho das tuas ondas?’” (Jó 38,8.11). Novamente, em tom sapiencial, a resposta almejada é que tal tarefa faz parte das multifacetárias atividades cotidianas do Deus criador como requisito indispensável para a manutenção da ordem e da vida da Criação.⁷

Na seara de uma espiritualidade ecobíblica, um passo importante consiste em superar a lógica sacrificial em prol da lógica do cuidado. O personagem bíblico Noé é emblemático e, de certa forma, em termos míticos, é o fundador da lógica sacrificial. Ao sair da arca, o primeiro gesto de Noé é um ato de respeito e reverência, que consiste em prestar culto a Deus por meio do holocausto de animais (Gn 8,20-22). O seu gesto, contudo, inaugura uma lógica de sacrifício: algum ser vivente da Criação precisa ser sacrificado para agradar a Deus! O sacrifício de

⁷ Sobre isso, ver o capítulo “Complexa Criação: uma leitura de Jó em perspectiva ecológica” em Haroldo Reimer, *Bíblia e ecologia*, op. cit.

elementos da Criação acabou se tornando quase um traço típico do paradigma da modernidade. A essa sina sacrificial há que se contrapõem elementos bíblicos mais positivos e inspiradores e especialmente lembrar a reflexão da Carta aos Hebreus, em que se atesta ser o sacrifício de Cristo como plenamente satisfatório, não havendo mais necessidade de repetição. Há na Bíblia outras passagens em que a dimensão do cuidado dos humanos pela integridade da Criação é destacada. Tais passagens devem ser garimpadas em meio ao todo das Escrituras. O grito profético em Oseias 6,8 ecoa nesse sentido: “misericórdia quero e não sacrifícios”.

Com relação à lógica do cuidado, o texto de Êxodo 23,10-11 se reveste de especial beleza e sentido paradigmático. Nele se propõe que é legitimamente concedido ao homem cultivar a terra e recolher os frutos dela, constituindo essa sua atividade de produção e intervenção no ambiente. O ritmo produtivo e explorador, no entanto, deve ser temporalmente limitado a seis anos, devendo o sétimo ano ser um tempo de “descanso sabático”. O texto indica três finalidades, dessa norma: a) primeiramente, diz-se que a própria terra deve poder descansar. Isso é estranho ao modo de pensar moderno, no qual se está acostumado com a ideia de que a terra deve somente servir para satisfação de nossas necessidades (e desejos); b) em segundo lugar, os pobres devem poder colher o que nascer por conta própria no sétimo ano, tendo uma provisão extra além de sua limitada alimentação usual; c) em terceiro, indica-se que os animais do campo devem poder comer do que sobrar. Explicitamente se incluem aí os animais do campo dentro de um ciclo ecológico. Três grupos ameaçados em sua existência devem ser contemplados no modo de se organizar a vida em sociedade: a terra, os pobres e os animais. Isso é o que se pode chamar de uma visão ecológica da vida. Os interesses econômicos são limitados pela integridade da vida e da Criação. Há ainda muitas outras passagens que podem ser garimpadas numa leitura ecológica da Bíblia.⁸

Além do texto exemplar acima referido, na Bíblia há muitas recomendações para a observância de tempos de pausa que se articulam na lógica do chamado ritmo seis-sete. Esse ritmo seis-sete marca a estrutura da semana de sete dias sintonizada ao ciclo da lua. Ajustados para o ritmo de trabalho e pausa para os seres humanos e para a Criação, esses textos, que falam do descanso sabático (Ex 20,8-11) ou

⁸ Para mais exemplos ver o livro citado na nota 4, *Bíblia e ecologia* (2010); ver também Ivoni Richter Reimer. *Terra e água na espiritualidade do movimento de Jesus: contribuições para um mundo globalizado*. Goiânia/São Leopoldo: PUC Goiás/Oikos, 2010.

também do ano sabático (Ex 21,2-11; 23,10-11), remetem à necessária observância de tempos de pausa, de *shabbat*, isto é, de uma cessação das atividades laborais do ritmo produtivo para a experiência do cultivo do ócio. Isso é reconhecido como necessário para que os seres humanos, os animais e a terra possam tomar alento e regenerar-se para a constância e saúde do ciclo de vida.⁹

Jesus e uma espiritualidade comprometida com a vida toda

Em tradições bíblicas do Novo Testamento, os evangelhos relatam a atuação de Jesus em dias de sábado, na qual a importância não recai sobre a inobservância da Lei em si, mas na satisfação de necessidades e no cuidado para com a vida carente e ameaçada. Assim, Jesus dá continuidade a uma espiritualidade sabática que prioriza a dignidade da Criação.

As parábolas carregam a memória de que a terra produz sem objetivar lucro, que a árvore cresce da terra e dá frutos e abrigo a quem passa, pássaros ou gente. Essa sabedoria faz parte do ensino de Jesus e está relacionada à experiência que Ele teve com a terra. Aponta também para a liberdade que deve brotar da terra, bem como para a confiança que devemos ter em Deus.

Observai os corvos; eles não semeiam, nem ceifam, não têm despensa nem celeiros; todavia Deus os sustenta [...] Observai os lírios do campo; eles não fiam, nem tecem. Contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada no forno, quanto mais se tratando de vós, gente de pequena fé! (Lc 12,24-28).

Jesus fala da terra de tal maneira que nos ensina que ela não existe para ser explorada nem ter seus frutos acumulados, como nos mostra a parábola do latifundiário ganancioso e avaro (Lc 12,13-21). A ansiedade pelo acúmulo, em vez de gerar vida e satisfação, gera morte e perdição; seu resultado é a exploração e a falta de comida para a grande maioria do povo. Jesus, ao contrário, aposta na gratuidade da vida para as aves do céu, os lírios do campo e todas as criaturas, entre elas, as pessoas. Dentro desse contexto, a missão e a participação nesse projeto de gratuidade é o compromisso com o Reino de Deus e a sua

⁹ Aqui ainda permanecem atuais as reflexões esboçadas em Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer. *Tempos de graça: Jubileu e as tradições jubilares na Bíblia*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/ Cebi/Paulus, 1999.

Justiça. Esse compromisso garante que as pessoas serão saciadas e que viverão em harmonia com o todo da Criação de Deus (Lc 12,31).

A sabedoria de Jesus, que transparece nas parábolas, ensina a viver em liberdade e a resistir digna e pacificamente em meio ao turbilhão da corrupção e da hostil corrida gananciosa e competitiva. Ela tem como objetivo a construção da esperança que persevera na Justiça, e na paz que brota dessa Justiça. Isso faz parte do anúncio de uma nova realidade, que se vislumbra como o novo céu e a nova terra (Ap 21,1-8).

Em tradições bíblicas transparece a convicção de que a terra é de Deus, é o “estrado de seus pés” (At 7,49; Mt 5,35 relendo Is 66,1). Como consequência, dentro do contexto de ocupação dos corpos da terra e das pessoas, pode-se entender que Jesus reivindica sutilmente que a terra de Deus, dada a seu povo, seja liberta, desocupada e devolvida a seu povo, que deverá viver em liberdade. Esse é um abafado grito por independência e autonomia da Terra Santa, que é de Deus e símbolo de identidade do povo de Deus!

Em perspectiva teológica e da espiritualidade como expressão e vivência da fé, compreende-se que Deus governa a terra e cuida dela, colocando seu coração junto às pessoas que estão aflitas e abatidas, que sofrem os infortúnios causados pela ganância e injustiça de outras pessoas. Escravidão, trabalho forçado e impostos são algumas das causas do sofrimento do povo e da opressão e exploração da terra. Questionando não apenas a prática dos impostos, mas inclusive a política fundiária, Jesus questiona o coração que sustenta o Império Romano! Atentar contra a terra de Deus é atentar contra a vida de todas as suas criaturas, inclusive contra o próprio Deus.

Podemos ilustrar essa compreensão de atentado à terra, de exploração da terra, com um autor contemporâneo de Jesus e dos Evangelhos. Trata-se de Plínio, historiador romano, em sua obra *História natural*.¹⁰ Plínio denuncia os abusos praticados contra a Mãe-Terra por causa da ganância, e afirma que os primeiros a pecar contra a terra foram os que reviraram as suas entranhas para extrair-lhe o ouro; os segundos foram as pessoas que se adornaram com joias feitas de ouro, motivo e

¹⁰ O texto de Plínio (*História natural* 33,2.8.42.48. Trad. Ivoni Richter Reimer): “ [...] nós penetramos nas suas [da terra] entranhas e procuramos nas profundezas por tesouros, como se ali, onde ela [a terra] é pisada, eles não fossem abundantes e frutíferos o suficiente [...] Quem iniciou o pior crime contra a humanidade foi aquele que por primeiro colocou um anel de ouro no dedo [...] O próximo crime é introduzido por quem cunhou o primeiro denário [moeda romana] de ouro... e deste dinheiro brota a fonte da avarizia, quando se planejou a prática da usura [...]”. Para maiores detalhes ver Ivoni Richter Reimer, *Terra e água na espiritualidade do movimento de Jesus*, op. cit.

demanda para que a terra fosse (e seja) mais e mais explorada; fazem parte desse grupo as pessoas escravas que se embrearam na terra, fazendo o trabalho para seus donos.

A exploração do ouro também recai sobre os latifundiários, que eram, simultaneamente, os *émporoi* (grandes comerciantes) da época, pois detinham as grandes redes comerciais, inclusive através de frotas mercantes.

Exploração e sofrimento da terra andam de mãos dadas com sofrimento e exploração de pessoas que, no campo e na cidade, servem de mão de obra para satisfazer a ganância de poucos homens, que se tornam cada vez mais poderosos.

Declarar, nesse contexto, como o fizeram as primeiras comunidades cristãs numa releitura do Antigo Testamento, que a terra é de Deus, significa resistir e colocar-se totalmente no contraponto de toda política e condução administrativa do Império Romano e das elites, que se mantêm com esses sistemas assimétricos de poder, simultaneamente sustentando-os, até hoje.

Nosso corpo, terra vivificada, comunhão

Tradições bíblicas compreendem que nosso corpo faz parte de toda a Criação. Nosso corpo é terra viva, vivificada, emprestada temporariamente pela graça de Deus. É bom saber que somos seres mortais, passageiros. Pensar na morte ajuda a valorizar a vida, e isso faz parte de milenar cultura religiosa. A vida faz parte da morte, e vice-versa. Também a morte mostra que a terra é um corpo vivo, como o nosso. Num anúncio da morte de Cristo, afirma-se que ele passará três dias e três noites no *coração da terra* (Mt 12,40)¹¹, o que mostra que essas tradições bíblicas compartilham da concepção antiga de perceber a terra como organismo vivo. Essa percepção ecoteológica do “coração da terra” fortalece a busca e a construção de uma heterotopia (outro

¹¹ A poetisa goiana Cora Coralina utiliza semelhante antropologia da terra caracterizando seu amor pelo chão, que transparece numa de suas poesias: “Eu sou a mulher mais antiga do mundo, plantada e fecundada no *ventre escuro da terra*” (grifo nosso). Note-se que, no Novo Testamento, o termo *kardia* não tem, antropológicamente, tanto o objetivo de demonstrar os sentimentos, mas aponta para o lugar no qual são planejadas e decididas as práticas que implicam profundas transformações na vida. Assim, *coração* é o lugar da tomada de decisões significativas e revolucionárias, que incluem tanto o aspecto racional quanto o afetivo. É interessante observar que esse termo, usado também para a terra como ser vivo, aponta para uma nova geologia, que ressignifica não apenas o sentido da própria terra como ser vivente, mas também o sentido da vida de pessoas, no caso do Filho do Homem, remetendo para uma vida que será transformada e que, renovada, influenciará diretamente também a vida de outras pessoas. Para maiores detalhes, ver Ivoni Richter Reimer. *Terra e água*, op. cit.

lugar) que dá sentido à vida por ressignificar a compreensão da terra como ser vivo que faz brotar vida nova de dentro de si mesma. Essa simbologia que expressa e reivindica o direito de sonhar e construir um “outro lugar” neste mesmo lugar já ocupado nasce de grupos marginalizados, explorados no trabalho na terra ou que já perderam a terra, que lhes foi expropriada pelas elites romanas e por seus aliados, cuja ideologia e prática fundiárias são, assim, profundamente questionadas tanto na expressão social quanto teológica.

O corpo-terra e a terra-corpo nos ajudam a pensar com alegria nas ervas e flores do campo que precisam da terra, da água, do sol e do ar para viver, florescer, frutificar. É maravilhoso que nosso corpo seja terra e que a terra pertença a Deus. A terra é protegida por Deus, nós somos protegidos por Deus. “Olhai os lírios do campo” é uma afirmação de sabedoria da fé e “Deus derrubou dos tronos os poderosos [...] encheu de bens os famintos” (Lc 1,46-55) é uma afirmação de esperança revolucionária. Ambas testemunham a mesma fé: Deus cuida de cada elo de sua Criação, principalmente de quem mais sofre! Essa comunhão de Deus com sua Criação é paradigmática para as pessoas que foram criadas para ser imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26-27).

Para as pessoas e comunidades de fé, cujas experiências estão fragmentariamente narradas no Novo Testamento, o objetivo da herança da terra, de possuir a terra, não é acumular, não é explorar, mas construir uma vida boa, prazerosa, justa e farta para todas as pessoas. A comunhão e a partilha são muito importantes nessa construção de relações e sistemas de vida. É assim que a primeira comunidade cristã na cidade de Jerusalém faz sua experiência de fé, resistência e perseverança (At 2-4). Considerando que tudo é de todas as pessoas, porque tudo provém de Deus, compartilhar significa ampliar a graça de Deus. Vivendo da graça e da solidariedade, a partilha de bens, inclusive da terra, torna-se bênção que se renova na comunhão! Isso poderia ser a importante contribuição de uma espiritualidade ecológica judaico-cristã ainda para os nossos tempos.

Paulo e uma teologia da terra e da gratuidade

O apóstolo Paulo faz a releitura do Salmo 24, afirmando que “a terra é de Deus, e a sua plenitude” (1Cor 10,26). O contexto de 1 Coríntios 10 mostra uma releitura da história salvífica: os nossos pais e mães vivenciaram a libertação da escravidão no Egito, alimentaram-se do maná e, por fim, beberam da rocha que é o Messias. Paulo reconta

a história do passado para fortalecer a resistência no presente, tendo em vista também o futuro. Dentro do contexto, isso significa não se entregar à idolatria e ao cansaço na caminhada, reafirmando que somos *corpo* dentro de um mundo que fragmenta a identidade das pessoas e dos povos. Afirma-se a busca do *bem* de todas as criaturas num mundo que impõe acúmulo de capital egocentricamente. Em 1 Coríntios, Paulo trabalha com a tríade: terra prometida / água e comida / ética comunitária. Não é possível receber a terra e seus frutos e não cuidar dela; não é possível receber bênção e explorar o próximo!

Essa tradição paulina quer fortalecer a esperança numa vida nova mais justa para todas as pessoas, “graças àquele que ressuscita aos mortos e que cria a vida a partir do nada” (Rm 4,17). O objetivo da Justiça de Deus é transformar todas as pessoas em novas criaturas em Cristo, as quais, *transformadas, praticam a Justiça num mundo onde ninguém é capaz de praticá-la por sua própria força e vontade!* Essas pessoas são justificadas pela fé.

A argumentação da justificação pela fé afirma que o Evangelho é poder dinâmico de Deus para a salvação de todas as pessoas, porque nele se revela a Justiça de Deus. Essa justiça tem poder transformador: pessoas oprimidas e opressoras podem transformar-se em pessoas irmãs que, *orientadas pela lógica do Espírito, fazem justiça para transformar o mundo injusto que elas mesmas ajudaram a criar.*

A justificação pela fé afirma que as pessoas justificadas são e vivem como *novas criaturas* (Gl 6,15; 2Co 5,17) dentro de uma Criação renovada. Paulo pensa na realidade da *nova Criação* não apenas de corações individuais, mas de uma *sociedade inteira e de todo o mundo* (Rm 8,19-21). Essa é uma Boa-Nova principalmente para as pessoas empobrecidas e para o ambiente maltratado, que sofrem as consequências da injustiça, da opressão e da violência.

A afirmação de uma espiritualidade ecológica poderia, assim, insistir na memória histórica como uma atitude reflexiva crítica. Olhar para trás para reconhecer erros e equívocos, mas também para afirmar a certeza da libertação já experienciada. Tal tradição de fé pode ajudar a construir a esperança que remete para horizontes abertos, para a abertura do futuro. Essa esperança necessita da perseverança (*hypomoné*), que dá fôlego longo, contínuo e despreocupado.

Nesse sentido, é bom relembrar palavras já ditas tempos atrás e reafirmadas atualmente, testemunhando a co-laboração de *toda a Criação* no processo de resistência e construção da esperança e na certeza de mudança libertária:

A nova Criação não é apenas a criação de um novo discurso sobre a Criação, elaborado pelos intelectuais, mas é fundamentalmente uma práxis criativa, um conjunto de comportamentos que vou introduzindo pouco a pouco em minha vida cotidiana e propondo a outros como caminho de “salvação” de todas as vidas.¹²

Com essa percepção, é importante dizer renovadamente que uma das vitais premissas de todo esse trabalho criativo e recriador é a ternura que se expressa no comprometimento com a vida toda, simbolizada também na imagem do “gemer em dores de parto”: o trabalho criativo antecipa e pressupõe o cuidado, a saudade daquilo que ainda não está ali, mas já pode ser sentido; ele expressa a expectativa do abraço e da alegria, que já podem ser sentidas em meio a situações que ainda não são de felicidade plena.

Tradições bíblicas como referenciais de espiritualidade

Destacamos aqui algumas tradições que testemunham acerca de experiências vividas por pessoas e grupos com a divindade, e que se tornaram referência para o viver e agir dessas pessoas na história.

Tradição de libertação do Egito

Deus liberta e conduz o povo, interagindo com as pessoas, com lideranças que são partícipes no processo de libertação (Moisés, Arão, Miriam). A afirmação central e fundamental dessas narrativas e de suas releituras é que a escravidão é contrária à vontade divina. Escravidão, opressão e exploração fazem parte da ganância e do desejo de domínio de algumas pessoas sobre outras, o que prejudica e destrói a vida. Afirma-se a necessidade da liberdade como expressão da dignidade humana.

Esse processo de libertação e liberdade é codificado, depois, em outros textos, durante o processo histórico da construção da identidade desse povo: para organizar a vida na terra prometida, após a libertação da escravidão, o povo precisou de normas, de leis que possibilitassem a vivência saudável, justa e digna entre as pessoas, para que se evitasse reproduzir os sistemas de dominação sob os quais se vivia outrora. Trata-se de códigos legais com seus mandamentos sociais, rituais e morais, familiares e públicos que foram construídos e argumentados

¹² Ivone Gebara. O gemido da Criação e os nossos gemidos. *Revista de Interpretação Bíblia Latino-Americana*. Petrópolis, n. 21, 1995, p. 39. Ver também o recente livro da autora, *Vulnerabilidade, Justiça e Feminismos*: antologia de textos. (São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010), no qual ela reelabora e reafirma algumas dessas questões centrais.

com base na releitura da experiência do Êxodo. Dt 6,20-25 narra a memória desse evento dizendo o motivo e a função da observância da Lei: Deus libertou e quer preservar essa vida liberta em relações de justiça e de paz entre as pessoas!

Em continuidade com as narrativas do Antigo Testamento, também o Novo Testamento registra experiências religiosas, testemunhos de fé vivenciada em situações histórico-sociais bem concretas que exigiram reflexões e atitudes específicas em relação a determinadas realidades.

Tradição de libertação com Jesus

O evento central dessa expressão religiosa é o nascimento, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus de Nazaré, que se revelou como Messias de Deus no cumprimento das profecias por sua sensibilidade e radicalidade misericordiosa ímpares na história da humanidade.

A vida toda de Jesus foi dedicada à denúncia dos sistemas de morte que ameaçavam a vida e a dignidade, bem como a denúncias e rupturas com as estruturas dos poderes econômico, social e religioso de dominação, subordinação e discriminação, vinculados com estruturas mentais de superioridade de classe, de etnia e de gênero.

Para demonstrar que toda criatura tem dignidade intrínseca e que esta é destruída em relações de dominação e de injustiça, Jesus se faz paradigmaticamente solidário com pessoas doentes, crianças, mulheres, mendigos, endividados, diaristas... Jesus está com as pessoas abandonadas, excluídas, maltratadas, e transforma suas vidas (re) construindo a dignidade delas!

Simultaneamente a essa postura solidária com pessoas empobrecidas e marginalizadas, Jesus também enfrenta as instituições políticas e religiosas, que criam e/ou legitimam as relações de exclusão e injustiça que vilipendiam a dignidade humana na sua forma concreta e histórica de pobreza, exploração, discriminação étnica, de gênero e geracional (especialmente representantes da *pax romana* e das elites religiosas judaicas). Na acolhida solidária – transgressora de normas oficiais constituídas – das pessoas destituídas de sua dignidade, Jesus demonstra que é necessário preservar a dignidade de todas e de cada uma, para que a unidade de toda a Criação não permaneça abalada e destruída. O que uma pessoa sofre repercute no todo – encontramos aqui os primórdios da noção de interdependência de todos os elos da Criação, presente nas comunidades cristãs originárias (Mt 25,31-46; 1 Co 12,12-27).

Tradição de libertação nos inícios da Igreja

A práxis cristã histórica, libertadora e questionadora de Jesus foi assumida por comunidades cristãs originárias na fórmula batismal registrada e transmitida pelo apóstolo Paulo (Gl 3,28): as pessoas batizadas em Cristo são um só corpo e não há distinção qualitativa entre gênero, classe, etnia, geração.

As comunidades cristãs originárias fizeram memória da práxis histórica de Jesus num processo de (re)construção de suas próprias identidades, buscando afirmar a preciosidade e a interdependência de cada vida, de cada expressão vital, num contexto que afirmava a supremacia e a intolerância dos homens greco-romanos, ricos e poderosos, senhores sobre os demais seres em todas as relações. Diante dessa situação, comunidades judaico-cristãs afirmavam a necessidade de aceitação, partilha, justiça e gratuidade, exatamente como resposta ao amor de Deus para com elas!

Resumindo, viver na graça de Deus implica uma postura solidária e respeitosa com todas as criaturas. Não são relações de dominação e desprezo, de superioridade e de ganância que nos garantem vida plenamente boa; essas são exatamente as relações que tradições bíblicas denominam de pecado. A vida plenamente boa, vivida com justiça em todas as relações, faz parte da práxis da misericórdia que acolhe e partilha, que respeita e preserva a dignidade da outra pessoa, do outro ser!

Tal percepção bíblica da vida boa contempla também a morte como parte dela, bem como outras dimensões escatológicas (relativas ao fim último das coisas todas) que a envolvem. Isso está ilustrado na narrativa do homem rico e do pobre Lázaro (Lc 16,19-31).

Espiritualidade (re)criadora a partir de narrativas mítico-escatológicas e sapienciais

Analisando tradições específicas, abordaremos, ainda que brevemente, uma perspectiva bíblica que afirma a dignidade humana dentro do jogo dos biopoderes.

Tradições das origens da vida

Narrativas míticas contam uma história sagrada sobre a origem da vida, dos seres, da natureza toda e de seus fenômenos pela vontade e ação da divindade. A função dessas narrativas é explicar as origens em linguagem religiosa e dar sentido à existência por meio do vínculo

com o Sagrado; nada existe por casualidade e tudo conduz a um alvo! Outra função dessas narrativas é criar laços de pertencimento e de inter-relação entre os seres: nessa perspectiva judaico-cristã, somos todos/as indistintamente oriundos/as da mesma vontade e fonte divinas – tudo “é muito bom”! Não há um elemento sequer que seja menosprezado! Não há um argumento sequer que corrobore, sustente ou legitime qualquer desenvolvimento científico-tecnológico que descarte e exclua uma única expressão de vida e construa relações de superioridade, seja no campo biogenético, seja no campo das mentalidades e inteligências...

Tradições da participação na graça divina >

Narrativas do Novo Testamento retomam a Criação divina, quando colocam o ser humano numa relação mais ampla das biodiversidades e de seus funcionamentos. Viver plenamente bem não é ocupar-se apenas do comer, beber e vestir-se, mas é observar as belezas da Criação e sentir-se parte delas; é confiar na graça mantenedora de Deus e colocar-se como mordomo/a da Criação, numa atitude cocriadora das coisas, que não existem apenas para nós, num sentido utilitarista neoliberal e consumidor.

Viver na consciência e percepção religiosas de que as coisas simplesmente existem porque são partes manifestas e visíveis do amor de Deus para com tudo que existe é expressar uma profunda espiritualidade **ecocêntrica**, e não **egocêntrica**. As pessoas são apenas uma parte do todo da Criação!

Em Lc 12,22-34, Jesus coloca uma diretriz que pode orientar a qualidade de nossa vida: a vida é *mais* do que aquilo que nós podemos lhe oferecer por meio dos frutos de nossas ocupações (comida, roupa etc.). Depositar nossa vida confiantemente na graça de Deus e nos colocar, como resposta, a serviço gratuito em seu Reino de amor e de Justiça faz de nós diferencial inestimável em qualquer área de saber e atuação!

Cada dia é dia de colocar prioridades: onde está o coração, ali está o nosso tesouro! A confiança em Deus, numa atitude de fé e de esperança, pode nos tornar pessoas libertas de muitas coisas vãs que o mercado de consumo nos impõe e que projetamos para nossa suposta qualidade de vida. Essa mesma confiança em Deus pode nos libertar de muitas preocupações e ansiedades desnecessárias que, ao invés de melhorar, pioram a qualidade de nossa vida nos seus múltiplos jogos de relações, também de espiritualidade.

Tradições de sabedoria e compromisso

Na mesma vertente mítico-sapiencial, tradições bíblicas afirmam que toda forma de vida deve ser respeitada. O valor da vida não depende do juízo que fazemos dela, se permitimos ou não que ela exista e se expresse. Parece que Jesus tinha consciência disso, quando dele se transmite a seguinte sabedoria: Deus faz chover sobre bons e maus! Não depende de nós intervir na vida-que-quer-viver com nossos pressupostos construídos e nem tão objetivos e neutros cientificamente.

A dignidade da vida – de toda vida – nos conclama a nos (intro) meter de forma competente, crítica e afetiva em todas as questões a esse respeito! Tradições bíblicas podem nos ajudar nesse processo e nessa caminhada, e devemos saber também que as dificuldades e as complexidades, bem como a alegria e a paixão, fazem parte da jornada.

Nova visão e novo compromisso: terra-corpo e corpo-terra como relação

Uma das bases do ecofeminismo, como também da ecopedagogia, é resgatar a possibilidade e a experiência da comunhão entre todos os elos da Criação. Assim, denunciam-se as tramas de exploração, ocupação e violência contra todos os corpos históricos em sua multidinamicidade. Anuncia-se, por outro lado, a construção de outra cultura, em que relações são recriadas numa perspectiva de mutualidade e interdependência, em que fundamental é o respeito à diferença e à diversidade na intersecção das muitas dimensões que cada corpo enfrenta nas relações cotidianas (etnia, gênero, classe, estética, geracional).

Afirmar que a terra está em constante relação significa postular um profundo compromisso teológico, social e ecológico. A terra se relaciona com sua própria biodinâmica, com sua geodinamicidade, consigo mesma e com toda biodiversidade que ela significa, abriga e potencializa para a vida. A terra se relaciona, igualmente a partir de sua biogratuidade, conosco e nos alimenta com toda espécie de nutrientes que necessitamos para uma vida saudável; ela nos concede a sua multiforme expressão de beleza, cheiros, sabores, texturas, cores para alegrar nossos sentidos; ela nos cura muitas feridas com seu toque e seu poder de desintoxicação (geoterapia); ela nos abriga em seu coração quando morremos para que renasçamos para uma nova esperança.

A lógica da gratuidade e da relação recíproca de respeito e mutualidade, de comunhão solidária, já vai construindo um “lugar outro” na

vida de quem rejeita todas as formas de ocupação e colonização. É um processo contracultural que vai criando novos espaços identitários e identificativos para quem quer, já agora, construir novas relações de paz que se baseiem na Justiça do Reino de Deus. Essa Justiça garante terra, pão, vestes, bem-querer, trabalho, dignidade, liberdade e a certeza de que Deus não abandona quem se compromete com o projeto do Reino de Deus, que sustenta a integridade de toda a Criação!

Endereço do autor e da autora

Rua 115-G, n. 10

Setor Sul

74085-310 Goiânia, Goiás

Brasil

Email: haroldo.reimer@gmail.com / ivonirr@gmail.com